

A Escola Clássica Francesa: uma análise da *Démarche* Vidaliana no livro “Princípios de geografia humana”

Guilherme de Oliveira Queiroz^{1*}

Resumo

O presente trabalho apresenta, de forma concisa, uma análise da *démarche* na obra de Paul Vidal de La Blache a fim de desfazer más interpretações deste que é considerado o fundador da Geografia Humana, cujo pensamento encontra-se, em muitos aspectos, distante de outros teóricos modernistas da época. Portanto, discute-se aqui, a concepção vidaliana de relação homem-meio e a reconstituição de uma história de longa duração como método explicativo do presente e seus respectivos gêneros de vida atuais.

Palavras-chave: Paul Vidal de La Blache. Geografia humana. Relação homem-meio. História. Gêneros de vida.

Introdução

Como se formaram as sociedades tal como as conhecemos hoje? Onde ela se inspirou e quem as inspirou? Onde na história devemos buscar explicações para tentarmos entender, ao menos um pouco, a configuração atual da humanidade? Será que o Geógrafo poderá fazê-lo? Talvez a escola francesa de geografia e, em especial, seu fundador, possuidor de um pensamento vanguardista, possa nos ajudar.

Vidal de La Blache (1845 – 1918), um historiador de formação, fundador da escola supracitada, em seu livro postumamente publicado pelo genro Emmanuel De Martonne em 1921, discute a relação do homem com o meio, a influência deste sobre aquele, sem, contudo, determiná-lo, sua distribuição nos primórdios, modificando a natureza pelas técnicas que são desenvolvidas no tempo e que são “propostas” pelo ambiente. Nota-se o esforço de Vidal em buscar não nas crônicas dos acontecimentos, na história breve dos fatos sociais, mas, sobretudo, na história de longa duração, o verdadeiro processo formador das mentalidades, essas que foram desenvolvidas a partir dos *genres de vie* ao longo dos milhares de anos, ou seja, analisa as permanências do processo em detrimento das mudanças ocorridas pelos fatos isolados. Eis o que consideramos um fator que o faz estar à frente do seu tempo: a concepção de que não devemos olhar o passado tomando a nossa época como pedra angular. Explica-se, portanto, o fator descritivo em sua obra e refuta-se a interpretação deste como sendo apenas um traço ingênuo, tendo em vista que Vidal se propõe analisar os diferentes lugares, e em consequência, as adaptações humanas, lançando mão da história estrutural. É seguindo essa linha epistemológica que Vidal funda a Geografia Humana na França e se afasta da tendência modernista da época de reduzir a condição humana a um simples determinismo ambiental.

O livro (LA BLACHE, 1914) — que é dividido em três partes — é introduzido por uma breve explicação sobre o significado e o objeto da Geografia Humana e exhibe um La Blache preocupado com “(...) uma nova concepção das relações entre a Terra e o Homem, concepção sugerida por um conhecimento mais sintético das leis físicas que regem a nossa esfera e das relações entre os seres vivos que a povoam.” (p. 27).

^{1*} Graduando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense e bolsista de iniciação científica. E-mail: gdeoliveiraqueiroz@gmail.com

Faz também uma crítica aos defensores da Terra como simples palco às atividades humanas e àqueles — nomeadamente historiadores e sociólogos — que recorrem à Geografia apenas a título de consulta, para explicar a marcha da humanidade, sem, no entanto, considerar que esse mesmo “palco” exerce influências no homem. Retenhamo-nos aqui, a notar a visão de Vidal no que diz respeito ao isolamento das ciências, posição da qual se distanciará. Mais adiante, ainda na introdução, Vidal apresenta o princípio da unidade terrestre — aspecto basilar em sua obra, sobre a qual desenvolve toda sua *démarche* — em que, grosso modo, diferentes elementos ambientais coordenam-se dando origem aos casos particulares. Enfatizemos, portanto, a relação que ele faz com as múltiplas escalas, fator que por si só, não o limita simplesmente à esfera regional, ou seja, relaciona-se o local ao global, numa visão integradora das partes. Evidencia-se também, o entrelaçamento dos fatos observáveis pela Geografia Humana ao meio, ao dizer que “(...) só por esses podem ser explicáveis...” (p. 30) e, desse modo, não dicotomiza o ser humano do mundo físico e, para além disso, não dicotomiza a ciência natural da ciência humana como pretendia, p. ex. Dilthey: ciência do *Espírito* e ciência da *Natureza* (LÖWY, 1987).

Frequentemente podemos observar a relação interdisciplinar que se faz no referido livro quando, por exemplo, Vidal dialoga com a Ecologia, dizendo que, nós Geógrafos devemos a ela as investigações da Geografia Botânica, com a Etnografia na descrição dos povos e suas técnicas, que por mais rudimentares que nos pareçam, sempre intervirão na natureza. Dialoga também com a Geologia e com a Meteorologia, somando elementos da constituição da terra com elementos climáticos como a atmosfera, por exemplo, além de, obviamente, dialogar todo o tempo com a História. Vidal revela ainda, o caráter duplo do objeto da Geografia Humana, pois esta se propõe estudar não só a ação do homem, mas também as suas intervenções na terra, porém, não cabe a esta ciência apenas o papel de analisar as destruições por ele impostas, mas, “(...) também no conhecimento mais íntimo das relações que unem o conjunto dos seres vivos, o meio de perscrutar² as transformações atualmente em curso e que é permitido prever.” Nota-se, desse modo, sua crítica à visão que se tinha do homem como puro fator geográfico na abordagem das ciências ditas “humanas”, em outras palavras, critica a forma de explicar o homem partindo do homem e não do meio, conforme faziam os historiadores e sociólogos da época, motivo pelo qual Vidal distingue-se das ciências sociológicas (VIDAL DE LA BLACHE, 1903).

A distribuição dos homens no globo

A primeira parte de Princípios de Geografia Humana consiste numa análise da distribuição do homem na Terra em sua alvorada, e de como este se adapta aos diferentes meios, onde se agrupam em maior quantidade, por que aí se agrupam e até mesmo porque daí emigram. A esse respeito, Vidal, em linhas gerais, evidencia o ímpeto das populações de se distribuírem pelo globo (forças centrífugas) à medida que seu contingente ganhava peso, ou seja, à medida da inversa proporção entre aumento de contingente e a quantidade de recursos oferecidos pelo ambiente. Em relação ao número crescente de almas, inferimos que tal fenômeno, para Vidal, reflete o aperfeiçoamento das técnicas que modificam a natureza. Vale ressaltar ainda que Vidal faz uma conexão — mesmo assumindo que esta relação seja muito incipiente — com as diferentes regiões, ao observar semelhanças entre elas, um fundo primitivo comum, tais como mitos, superstições, representações figuradas, isto é, elementos que ratificam o princípio de unidade terrestre.

Nas suas considerações, Vidal considera a distribuição como fato provisório, resultante de causas complexas e dinâmicas, porém, ele reconhece que tal fenômeno se dá de maneira desigual, ora com o homem atuando de forma mais ativa ora atuando de forma mais passiva. Percebe-se, portanto, uma ponderação no ato pensar as causas responsáveis pela migração tendo em vista o fator das capacidades humanas de produzirem necessidades e reproduzi-las infinitamente. Desse modo, entendemos a explicação dos intervalos de povoamento do qual Vidal se refere quando fala de uma lei de necessidade (p.84). Nesse sentido, não caberia recorrer exclusivamente às condições ambientais para explicar a distribuição do homem, pois este adapta-se às circunstâncias das mais adversas, seja no deserto (Saara) ou em altas latitudes (Groenlândia) ou mesmo em terras em vias de alagamento (caso dos Países Baixos em particular), entretanto, reconhece-se certo grau de determinismo por parte do meio e, sendo assim, o homem não se explica por si só, e sua jornada de peregrinação na Terra foi uma luta de transposição de obstáculos que permitirá (ou não)

² Perscrutar: investigar, examinar minuciosamente, esquadriñar

grupos humanos se estabelecerem em determinados locais favoráveis ao desenvolvimento. Vidal exemplifica alguns locais no globo que foram propícios às aglomerações cujas culturas se desenvolveram, entre outros motivos, pelo fato dos que aí residem terem podido, através do contato com povos vizinhos, entrecruzarem-se e trocarem experiências, “fermentando” seu desenvolvimento. Nesse contexto, percebe-se, talvez, um traço um tanto eurocêntrico que ele desenvolve quando, baseado na relação entre as populações, na troca de experiências, na imitação e no exemplo, analisa as aglomerações e os isolamentos comparando-os à experiência adquiridas pelos europeus e atribuindo às miscigenações de ideias, a explicação para seu nível de desenvolvimento em relação às outras, ou mesmo ao dizer que em determinadas partes da Terra, através de muitas vicissitudes (referindo-se à Europa), só raramente foram detidos (p.285).

Os locais de grandes aglomerações aos quais Vidal se refere são: África e Ásia que se divide em Egito, Caldeia³, Ásia Central, China, Índia e Arquipélagos Asiáticos; Europa e Regiões Mediterrâneas. Em suma, interessa-nos notar nesses locais os gêneros de vida que se desenvolveram possibilitados também, pelos recursos inerentes, mas essencialmente sob a pressão das necessidades, diferentes em cada lugar, tais como os Arquipélagos Asiáticos com as suas culturas de arroz ou no Japão com a pesca, isto é, como, grosso modo, o homem fez germinar a semente que a natureza ofereceu.

As formas de civilização

Apesar de a espécie humana ser apenas uma entre tantas outras espécies animais, uma característica peculiar na sua anatomia - o cérebro, ferramenta mais poderosa de seu corpo e talvez a mais poderosa do reino animal -, garantiu sua adaptação ao meio e, através desta característica, a humanidade pôde assegurar ocupação em diferentes partes do mundo de diferentes maneiras. Tais circunstâncias permitiram o desenvolvimento de variadas especializações culturais, além do aparecimento de diversas “raças” (a expressão é dele), seja por meio de constrictões de isolamento ou miscigenações. Nesse tocante, Vidal apresenta a teoria da superioridade de algumas “raças” perante outras em determinados ambientes, posto que, segundo as exigências desses meios, adaptam-se fisiologicamente e, por isso, explicam-se as vantagens de ajustarem-se mais facilmente em certos ambientes em detrimento de outras. Vidal dá o exemplo do negro dizendo que a cor de sua pele acarreta “(...) vantagem sobre as outras raças que se encontram também nas regiões tropicais...” (p.170). Com base nessa distribuição de povos nas mais diversas regiões, surgimento de etnias, nas diferentes formas de adaptação e nos materiais oferecidos pelo meio, evidencia-se um novo princípio de diferenciação que corresponde aos diferentes hábitos que englobam desde a nutrição, ferramentas de caça e de pesca, materiais de construção, tipos de moradia, armas e outros utensílios. Daí, interessante ressaltar a importância dos recursos que são oferecidos pelo meio ambiente, pois “a natureza viva tem isto de característico: sugere a forma ao mesmo tempo que fornece as matérias-primas” (p.180). Considera-se a diferenças regionais, a distribuição das formas como fato essencialmente geográfico. Lembremos que Vidal assume a **posição** como fator fundamental para a geografia humana (VIDAL DE LA BLACHE, 1914). Convém chamarmos atenção ao esforço quase etnográfico para visualizarmos horizontes mais largos na constituição da humanidade, percebe-se a ligação íntima do homem com o meio, na concepção vidaliana, uma relação não de forma unilateral, mas, sobretudo, de recíproca adaptação; ele é tanto ativo quanto passivo na marcha das transformações, isto é, na composição das paisagens, que servem de morada a uma miríade de seres, o homem intervém na condição de associado tanto como na condição de dirigente.

Circulação

A terceira e última parte do livro de Paul Vidal De La Blache, traz o leitor de volta ao contexto das sociedades com nível maior de desenvolvimento — as civilizações — mais independentes do ambiente, capazes de implementar transformações no meio, agora de forma mais contundente, em larga escala.

³ Região da Mesopotâmia

Vidal nesse momento se preocupa em analisar como a circulação de pessoas e produtos modificou a velocidade nas relações e o impacto causado no desenvolvimento social. Ele trata aqui de algo essencial para que cheguemos às sociedades modernas tal como às conhecemos. No seu ponto de vista, o homem, desde os primórdios empenhou-se na resolução do problema dos transportes utilizando-se, a princípio, do próprio corpo. Reconstitui, desse modo, o advento de diferentes meios de transporte como a domesticação animal e o conseqüente transporte por tração, veículos de carruagens mais sofisticadas além do melhoramento das estradas que facilitam os deslocamentos, promovendo desenvolvimento comercial e cultural. Porém, antes de fazê-lo, reconhece que certas invenções têm como sua verdadeira pátria o meio e, em seguida, busca conhecer os verdadeiros sítios nos quais surgiram as melhorias nesse campo, como p. ex. a roda, que segundo ele, possuem aplicações práticas sugeridas pelo meio. Eis o princípio das grandes transformações sociais. Posteriormente, Vidal debate o surgimento dos caminhos de ferro e sua importância capital para a economia da modernidade. Foi o estopim para o desenvolvimento econômico; a transição de um meio de transporte lento e limitado dos minérios para os passageiros representou um “encurtamento” das distâncias, reafirmou a unidade terrestre e reforçou laços dantes muito frouxos. Sociedades foram postas *em contato com povos, costumes e necessidades que não conheciam* (VIDAL DE LA BLACHE, 1914). Convém ainda notar a relação que Vidal faz das estradas de ferro com a colonização, pois, de modo geral, uma foi ferramenta para a outra.

Vidal lembra-nos um tipo de “via” que é fundamental no entendimento da configuração espacial e política do mundo na época: o mar. Capaz de unir lugares tão distantes, “A humanidade pôde observar-se a si própria, tanto nas características gerais que lhe são comuns como nas diferenças profundas geradas por um longo atavismo” (p. 354). A navegação foi um marco na consolidação dos impérios coloniais e a evolução por ela iniciada, no contexto no qual Vidal se encontra, permanece. “O movimento e a vida aceleram-se (...) Uma atração mais forte, capaz de arrancar maior número de homens à gleba a que estavam adestrados, capaz de alcançar messes inteiras a maior distância e de pôr em movimento quantidades bem mais consideráveis de produtos, provocou entre as diferentes regiões da terra uma fermentação que anteriormente não seria possível”. (p. 361).

Referências

LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*. São Paulo, 1987.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Ed. Edições Cosmos, 1954.

_____. Tableau politique de la France de l'Ouest, par André Siegfried. *Annales de Géographie*, XXIII année, n. 129, 1914.

_____. La géographie humaine. Ses rapports avec la géographie de la vie. *Revue de synthèse historique*, v. 7, août-décembre 1903.